

Transcrição Podcast – A Lira do Clio

Participantes: Gustavo Lima Santos, Eric Cyon, João Paulo da Silva e Davih Lima.

Edição: Gustavo Lima e Davih Lima.

Eric: Bom Dia, boa tarde, boa noite, querido ouvinte! Estamos aqui no segundo episódio de “A Lira de Clio”, agora temos um nome formado e a gente voltou pra trazer essa proposta que é de sempre trazer uma introdução sobre o tema geral, sobre o contexto histórico do tema que vamos tratar e na segunda parte o Gustavo e o João vão trazer dois textos de professores que a gente já vai anunciar justamente pegando algum tema que se insere nesse contexto e mostrando um pouco dessa divergência histórica entre os autores. Pra trazer essa ideia que a história não é aquela coisa bonita que a gente vê na escola.

Davih: E no podcast de hoje a questão central vai ser algo relacionado intrinsecamente a história do Brasil, que é a escravidão no período colonial e as diversas estruturas escravistas que o Brasil teve desde o começo da colônia até o final.

Eric: É... no primeiro episódio a gente chegou a discutir sobre a expansão marítima portuguesa, mostramos dois autores, um deles mostrava uma concentração das inovações tecnológicas para o empreendimento da marinha portuguesa, o outro a gente mostra o oposto no aspecto descentralizado, aqui a gente vai dar um salto temporal grande, relativamente grande. A gente já está no século XVII, estamos na época da colônia do Brasil, a colônia portuguesa brasileira, e nesse caso, no século XVII já temos atividade açucareira a todo vapor, mas também temos a mineração do ouro. Então a gente está aqui para falar da questão dos quilombos, emblemático quilombo dos palmares que é um símbolo de resistência. Mas antes disso, dentro desse processo de colonização brasileira, a gente queria falar um pouco da escravidão, e do trabalho compulsório, porque antes mesmo de chegar a escravidão africana a gente teve um pico entre 1540 e 1560, o uso da escravidão indígena, dos próprios indígenas que estavam no território que vai vir a ser chamado de Brasil.

Davih: Em relação a escravidão indígena que teve esse auge no século XVI, ela foi gradualmente substituída pela mão de obra africana, e são diversas as razões que os historiadores apontam para essa transição e dentre alguma dessas, a mais famosa, podemos dizer assim, vem da questão da adaptação do indígena ao trabalho forçado que o português impunha. Tem aquele mito de que alguns autores ou até vemos nas escolas ou em livros que o índio era preguiçoso e que ele não se adaptava a esse ritmo de trabalho, a questão não é a preguiça nesse sentido pejorativo e sim um modo de vida totalmente diferente do que os portugueses tinham da questão econômica, não havia produção pra produzir excedentes, era questão de subsistência, da coleta da agrícola de

pequeno porte, então nesses pontos esse modo de vida indígena era diferente do esperado pelo padrão português.

Eric: É claro que esses são pequenos (fatores), outro fator dentro de vários fatores que estão aí dentro, a gente também pode falar da queda demográfica, que foi um *problemasso* enfrentado não só pela colônia portuguesa, mas também pela colônia espanhola no resto da América, que entra a questão das doenças, os índios não tinham imunidade para as doenças trazidas pelos europeus, então isso foi enfrentado em todo continente e foi uma queda abrupta da população indígena, foi uma coisa devastadora, valores estimam-se dentro do século XVI mais de 60mil índios mortos por causa de doenças. Também tem a questão do confronto dos próprios colonizadores com as missões jesuíticas que no caso a igreja queria impor a doutrina cristã sobre os índios, então era aquela briga entre o colonizador precisando de uma mão de obra em massa pra usar na produção do açúcar inicialmente (e depois na mineração) e a igreja querendo doutrinar esses índios e torna-los bons cristãos, porque pra igreja a questão do índio precisava ser educado pra ser um bom cidadão, então todas essas questões acabam fazendo com que a escravidão indígena venha ser substituída pela africana, mas obviamente também tem as questões econômicas da escravidão africana em si. A disponibilidade de escravos nas costas africanas, principalmente na costa ocidental, fez com que seja muito mais vantajoso pra rede comercial, entre os mercadores que traficavam os escravos e entre os senhores de engenho estabelecer uma economia com base nisso, talvez nem na questão da moeda, mas às vezes trocavam a própria mercadoria, o próprio açúcar pelo escravo, então era tudo uma linha de crédito, tudo uma linha bem complexa que estava presente dentro da escravidão africana, e não estava na escravidão indígena.

Davih: E esses são um dos aspectos que muitos autores atrelam o crescimento da escravidão transatlântica entre as colônias na América, a África e a metrópole europeia com o surgimento do capitalismo, ou seja, nessa lógica de comércio transatlântico em troca de mercadorias escravas, etc.

Eric: Um desses outros motivos que eles também davam pra questão do escravo (africano) compensar mais era que o escravo africano resistia menos por estar em outro continente, então ele fugiria menos. Errado, o escravo africano também fugia, também resistia, e uma dessas formas de resistência foi a formação de quilombos que eram comunidades com dezenas e centenas de escravos fugitivos que tentavam assemelhar a convivência social dentro dessas comunidades com as relações que existia na África.

Davih: Era uma reprodução da cultura do lugar de origem deles.

Eric: No caso a segunda parte referente à organização dos quilombos e tudo mais, isso vai ser tratado nos textos com o Gustavo e com o Joao. Mas o que podemos pontuar aqui é que os quilombos são sim a maneira de dizer que os escravos estavam resistindo ao seu jeito.

Davilh: É a questão que tem mais implicância nesse aspecto da resistência escrava, que traz palmares a tona, é a dimensão desse quilombo que era uma comunidade gigantesca, que autores consideram que poderia haver até 40 mil habitantes nesse quilombo e que foi um símbolo da resistência escrava em larga escala.

Eric: Então, assim como vocês podem ver o palmares, óbvio que existiu milhares de outros palmares, o palmares é simbólico pelo tamanho e pelo trabalho que deu aos portugueses pra conseguir por fim botar um fim nessa organização, então a questão do final do quilombo dos palmares vem então da participação de exercito de indígenas e portugueses aqui no Brasil, e também com bandeirantes, coloca-se como responsável pelo fim do quilombo dos palmares, o grupo do Domingo Jorge Velho, responsável pelo fim da guerra que acabou com quilombo dos palmares. Por fim, depois disso, claro, eu não quero me adiantar muito na questão dos textos, mas depois disso não houve outra organização como essa, por isso ela é tão grande, tão marcante na historiografia.

Davilh: É é essa justamente a questão que vamos trazer agora, que os autores tentam entender e compreender o porquê não houve uma forma de resistência quilombola da magnitude que palmares foi posteriormente, quais foram os mecanismos utilizados pela coroa, quais foram as razões pra não ter esse crescimento igual quilombo dos palmeares teve no século XVII.

Eric: Então pra essa discussão que vai entrar nessa segunda parte um dos textos do professor Rafael de Bivar Marquese, aqui da universidade de São Paulo. E outro texto escrito por dois professores Flavo Gomes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Roquinaldo Ferreira da universidade de Virginia, lá dos Estados Unidos.

Gustavo: Hoje eu *to* aqui com o texto do Marquese, aquele que levantou um artigo que se chama “Resistencia, trafico negreiro e alforrias” entre os séculos XVII e XIX. Esse texto justamente articula as relações entre o tráfico negreiro, as alforrias e a repressão que houve após a queda de palmares, o foco do Marquese é justamente buscar justificativas do porque não houve outros palmares na historia do Brasil, porque não houve outros movimentos tão grandiosos igual foi palmares aqui no território, o principal ponto dele começa, como eu disse, sobre as questões das relações, ele relaciona primeiramente a repressão que houve após palmares ser vencido, eles conseguiram derrotar e fragmentar o quilombo, em conjunto houve uma repressão gigantesca para que não houvesse outras revoltas dessa magnitude, então esse tratado foi o ponto chave, teve até a nomeação do capitão do mato, que fiscalizava os arredores para impedir meia dúzia que seja de ex escravos de se reunir. O segundo ponto que ele articula é a alforria que se relaciona muito intimamente com o tráfico transatlântico, a alforria acontecia para a manutenção do tráfico transatlântico, o império estava em crise com a colônia, por conta do comercio açucareiro que já

tinha decaído no território europeu, outras colônias também estavam a frente do mercado na produção de açúcar, e o tráfico transatlântico foi o coração pra que a colônia não quebrasse, e a alforria se dava justamente pra manutenção desse ciclo. E, além disso, o Marquese justifica que essa correlação de alforria versus tráfico transatlântico foi um dos maiores fatores para que não houvesse revoltas de uma magnitude como foi na Jamaica e no Haiti. E esse é o principal ponto dele. Além disso, no decorrer do texto ele articula a respeito da mineração, que houve uma grande onda migratória dentro do território do Brasil do nordeste para o sudeste, (atual Minas Gerais) e logicamente, esses territórios onde houve a emigração, (onde saíram) ficaram desabastecidos, logo o tráfico transatlântico serviu para a manutenção da mão de obra desses locais que continuava a manutenção de açúcar e outras mercadorias da época, já no século XVIII.

João: Bom, dialogando aqui com o Gustavo, vou comentar a posição teórica do Flavio Gomes, e do Roquinaldo Ferreira, do texto “A miragem da miscigenação”, foi um texto crítico dialogando com esse texto do Marquese. Um dos primeiros pontos que ele coloca contrapondo essa visão do Marquese é que Palmares não foi o único, houve outros mocambos também ao mesmo tempo, e o próprio Palmares sofreu um agigantamento devido à carga ideológica que a discussão desse fato envolve que faz com que a discussão de Palmares, do sistema escravista e de outros quilombos acabem sendo quase que discussões separadas e não são. Outro ponto que o Flavio coloca é que logo depois da queda de Palmares, por si só pode ser discutida como queda ou não, e Flavio coloca que foi na verdade uma grande possibilidade que houve uma reconfiguração da estratégia de resistência de quilombos em quilombos menores, pra isso ele cita que logo após a queda de Palmares houve outros quilombos antes, durante e depois de Palmares que estiveram ali a margem das comunidades de *plantation*, houve esses mocambos e quilombos, e fica o primeiro questionamento: “Ao invés de uma queda não houve uma mudança na estratégia de resistência?”. Partindo desse ponto que houve uma mudança na estratégia, Flavio coloca que ao invés de esses múltiplos focos e grupos menores de convivência entre ex-escravos, ao invés deles amortecerem as tensões, elas foram mais endêmicas, mais frequentes e reconfiguradas, ele cita que durante todo o período de Palmares, houveram muitas revoltas escravas também de setores livres, coexistiram com outras revoltas e outros conflitos na sociedade e a correlação delas com essas comunidades de recém libertos que viviam em torno desses focos de resistência.

Gustavo: Já o Marquese, na verdade ele relaciona justamente o apaziguamento local por conta das alforrias, elas proporcionaram a miscigenação, e essa camada, ela trazia realmente uma pacificação entre as camadas de senhores brancos e negros escravos vindos da África. Além disso, o Marquese trás uma ideia do Kopytoff, um historiador africanista que trás uma ideia de não dissociar o escravo do escravo liberto, e nem o tráfico negreiro das alforrias. Tudo está correlacionado.

João: Esse ponto que você tocou é muito importante que é a tese do Marquese

de que não se distingue a escravidão dos libertos, pois estariam todos no mesmo sistema, mas o problema dessa afirmação central é que o Kopytoff por ser um africanista, ele está mais preocupado com a dinâmica na África, e na África a associação entre escravo e liberdade é diferente da dinâmica vivida na América, então era menos uma instituição econômica do que foi o fenômeno, que foi a escravidão na América, então é um conceito que o Flavio fala que não foi aplicado corretamente. Além disso, o Flavio bate numa tecla que é muito importante pender todas as especificidades da dinâmica do tráfico africano, não só na dimensão temporal, mas também da espacial, houve diferenças significativas no longo do tempo, somente entendendo essas dinâmicas que você consegue entender como o Brasil estava inserido nesse sistema. Em geral, o texto do Marquese foi quem suscitou essa discussão, ele tem um modelo teórico que o Flavio usou pra construir a própria argumentação, só estamos tendo essa discussão devido a esse primeiro artigo do Marquese.

Gustavo: O que a gente pode perceber então do texto do Marquese é que ele é muito bem articulado, ele tem uma base sólida, e tem uma preocupação que é realmente responder do porque não houve outras revoltas, como já disse no início. E o Marquese realmente já trabalha com essa ideia de que o Palmares realmente foi uma virada, um marco, ele marcou pra uma nova legislação, pra uma nova dinâmica de ações frente aos escravos que se levantavam e fora isso, a partir dessa base ele articula vários pontos de argumentação. Então eu realmente acho que a construção do texto é muito boa.

João: Então é isso, muito obrigado à todos!

Gustavo: Valeu!

João: Um abraço!